

Reportagem: “a palavra que age”:¹ O desafio do jornalismo independente de Eliane Brum

Cíntia Charlene da SILVA²

Andréia de OLIVEIRA³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

O presente artigo visa apresentar a reportagem independente como um diferencial diante da veiculação cada vez mais rápida da notícia, com conteúdo muitas vezes superficial. Como objeto de investigação, utilizamos a entrevista da jornalista e escritora Eliane Brum como conteúdo de análise na tentativa de examinar os caminhos da produção de uma matéria especial, desde a origem da pauta até a sua efetiva publicação. Tomamos como conteúdo analisado a premiada reportagem “A espera do assassino”, no qual a jornalista viaja até o Pará para mostrar como vivem os brasileiros ameaçados de morte na fronteira paraense, lugar onde o futuro da Amazônia é decidido à bala. Como resultado, apresentamos os passos percorridos pela jornalista durante a fase de pesquisa e investigação da reportagem.

Palavras-chave: reportagem; jornalismo independente; produção; gêneros jornalísticos.

Introdução

Em tempos em que a notícia assume seu papel como um produto mercadológico, seria uma utopia pensar na produção de grandes reportagens de comprovado impacto social? Com a expansão da internet, meio de comunicação que ganha novos adeptos, muitos acreditam que o jornal impresso em breve poderá desaparecer. No entanto, não é a primeira vez que o jornalismo impresso passa por mais uma crise.

Com a evolução dos meios de comunicação, vivemos uma sociedade que, cada vez mais, necessita de informação. Apesar das diferenças do campo jornalístico de acordo com a região do globo, predomina-se o jornalismo que prima pela informação de maneira mais objetiva, conforme os preceitos desenvolvidos pelo jornalismo norte-americano. Ou seja, a notícia é um produto à venda, como aborda Cremilda Medina (1998). A atividade tem normas e técnicas a serem seguidas, primando pela chamada objetividade. O ofício ganha um cunho cada vez mais comercial, com hora de fechamento e velocidade de informação.

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada no Curso de Jornalismo da UFJF, email: cintiacharlene@hotmail.com

³ Estudante de Especialização em Comunicação Empresarial da UFJF, email: andreiabiasfortes@hotmail.com

Ao expor a notícia como mercadoria Medina (1998) aponta a indústria cultural como produto da comunicação de massa na sociedade urbana e industrializada.

Para Medina, diante deste contexto, a notícia na imprensa brasileira impera como jornalismo informativo, tendo como foco o acontecimento imediato. O jornalismo, para a autora, pode ser dividido em três tipos de gêneros: interpretativo, opinativo e informativo. O primeiro pode se encontrado nas revistas semanais e em uma pequena parte da imprensa. Enquanto, o segundo restringe-se a editoriais e colunas.

No modelo atual, o que se vê são notícias divulgadas de forma superficial sem aprofundamento dos fatos. O ofício da verificação dá lugar, segundo Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2004), à atividade de afirmação. “Uma disciplina mais consciente da verificação é o melhor antídoto para evitar que o velho jornalismo de verificação seja atropelado pelo novo jornalismo de afirmação, e forneceria aos cidadãos uma base para confiar nos relatos jornalísticos.” (2004, p.122).

Porém, com a tecnologia, o processo de apuração tem sido facilitado, uma vez que os jornalistas têm acesso a um volume cada vez maior de informações, sem fazerem um processo de checagem e entrevistas como antes. Fator que prejudica a qualidade da informação, uma vez que o jornalista trabalha com *dead line* cada vez mais apertado.

Os fatos são fáceis de obter, de se reescrever e depois redirecionar. Nesta era de notícias 24 horas, os jornalistas passam mais tempo procurando alguma coisa para acrescentar as suas matérias, geralmente interpretação, em lugar de tentar descobrir e checar, de forma independente, novos fatos. (KOVACH e ROSENSTIEL, 2004, p.119).

Desta maneira, os jornalistas podem acabar prejudicando a credibilidade de sua informação, que é um dos maiores sentidos da profissão. Afinal, o veículo tem que informar sem deixar dúvidas naquele que consome a notícia, seja o leitor, o telespectador, o internauta ou ouvinte, para que ele possa novamente voltar a confiar naquele que o informa. E isso só é conquistado quando quem faz o trabalho, no mínimo, checa as informações e ouve vários lados, a fim de fazer um texto demonstrando conhecimento sobre o tema.

A produção de um grande gênero: a reportagem

Os gêneros jornalísticos notícia e a reportagem se diferenciam de forma perceptível. O tempo, o imediatismo e o valor notícia já são determinantes para a divulgação do fato. Já

a reportagem tem a intenção de contar os bastidores por trás da história, expor uma situação ou interpretar fatos.

Fator determinante para a circulação de uma notícia é o tempo: o fato deve ser recente e o anúncio do fato, imediato. Este é um dos principais elementos de distinção entre a notícia e outras modalidades de informações. Aqui, talvez, um aspecto importante ao diferenciar notícia de reportagem: a questão da atualidade. Embora a reportagem não prescindir de atualidade, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado, mesmo que o seu teor seja eminentemente informativo. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p.18).

Assim, dentro de um cenário em que as páginas da mídia impressa optam por mais notícias reduzidas, sem aprofundamento, e aumento dos anúncios da publicidade, a Internet pode ser uma plataforma favorável para publicações das grandes reportagens. A exemplo disso, podemos citar a jornalista, escritora e documentarista Eliane Brum. Conhecida por escrever textos longos, Eliane possui um grande número de admiradores que leem e compartilham suas reportagens. A carreira da jornalista teve início no impresso, no jornal Zero Hora⁴, onde permaneceu por 11 anos. Foi repórter especial da revista Época por 10 anos. Desde 2010, a escritora atua como freelancer, escreve para seu blog e para uma coluna quinzenal na versão brasileira do jornal global El País⁵. Além disso, publicou seis livros, sendo cinco de não ficção e um romance. Participou ainda de coletâneas de crônicas, contos e ensaios.

Muitas são as plataformas em que o jornalista pode usar para divulgar seu trabalho, seja com textos mais objetivos como no caso das notícias, ou seja, na produção de reportagens que envolva um processo de apuração e investigação maior. O fato é que cada tipo de veículo possui uma linguagem própria e técnicas específicas. Por exemplo, no rádio são usados textos curtos e é preciso primar pela agilidade, lida-se com o imediatismo e o factual. Na televisão, o foco são as imagens que devem casar com o texto. Além disso, a matéria precisa imprimir um ritmo, de forma com que as pessoas entendam e se sintam atraídas. No meio impresso, é possível trabalhar com textos aprofundados, uso de dados e gráficos. Já a plataforma digital pode reunir todos os itens, áudio, imagem e texto. Porém, tudo configurado em um mesmo espaço.

Em meio à rotina jornalística, fazer o jornalismo diário com aprofundamento é um desafio para os profissionais da área. Aqueles que buscam se embrenhar e discutir pautas

⁴ Zero Hora é um jornal impresso de Porto Alegre (RS), fundado em 1976 pelo grupo Prisa. Tiragem: 201.178 mil exemplares no primeiro quadrimestre de 2015, segundo o Instituto Verificador de Circulação (IVC).

⁵ El País Brasil é a edição digital em português do periódico espanhol, com as atividades iniciadas em 2013. Acesso em <http://brasil.elpais.com>

que resultarão em grandes reportagens enfrentam obstáculos de produzir matérias para os jornais diários, com técnicas específicas usadas de forma unânime pela grande imprensa.

Acho que hoje nós vivemos um mundo muito interessante, porque o jornalismo está numa grande discussão dos rumos para onde vai, e eu acho que a reportagem se fortalece neste debate. Porque hoje, com a internet, as vozes foram ampliadas, há muito mais narrativas. A reportagem se impõe como aquela narrativa profunda que trás o contraditório, que trás a complexidade. Se hoje você tem que disputar com tantas narrativas, quer dizer que quem vai conseguir ser escutado é quem vai conseguir escrever, trazer o mundo com complexidade, e esse é o papel da reportagem. (BRUM, Eliane. Entrevista, junho 2013).

Para Nilson Lage (2001) investigar é uma atividade que exige, além de tudo, dedicação, investimento e paciência.

A reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance, objetivo melhor atingido na prática da grande-reportagem, que possibilita um mergulho de fôlego nos fatos e em seu contexto e oferece ao seu autor uma dose ponderável de liberdade para superar os padrões e fórmulas convencionais do tratamento da notícia. (LAGE, 2001, p. 31).

Os autores Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari destacam a reportagem como um gênero literário diferenciado

[...] onde se contam, se narram as peripécias da atualidade – um gênero jornalístico privilegiado. Seja no jornal nosso de cada dia, na imprensa não cotidiana ou na televisão, ela se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística. E é a justo título, uma narrativa – com personagens, ação dramática e descrições de ambiente – separada entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa. Este laço obrigatório com a informação objetiva em dizer que, qualquer que seja a reportagem (interpretativa, especial, etc.), impõe-se ao redator o “estilo direto puro”, isto é, a narração sem comentários, sem subjetivações. (SODRÉ e FERRARRI, 1986, p. 9).

Dessa forma, existem elementos imprescindíveis para a produção de uma boa reportagem, como um repórter dedicado e criativo, tempo de apuração, espaço para publicação e uma pauta atraente. Além disso, entra a experiência do jornalista em manter os sentidos apurados e enxergar na reportagem algo que ninguém mais vê. No entanto, em um momento em que se percebe o enxugamento das redações, com grandes cortes de profissionais e precarização das relações de trabalho, fica difícil seguir por este caminho. É

preciso lutar para conquistar espaço dentro e fora das redações. Muitos procuram se embrenhar por outras áreas, como assessorias de comunicação, relações públicas, agências de notícias e etc.

Segundo levantamento feito pela Volt Data Lab⁶, de 2012 a junho de 2015, ocorreram pelo menos 1084 demissões de jornalistas em cerca de 50 redações, incluindo as principais empresas de comunicação brasileiras. O motivo da grande maioria são os cortes de custos. Se forem levados em conta o total geral de demissões de empresas de mídia, que inclui funcionários administrativos, técnicos ou outros tipos de profissionais fora das redações, os número sobe para, no mínimo, 3.568 pessoas dispensadas em três anos. Os dados levantados foram obtidos pela contagem do número de demissões a partir de informações de sites especializados, como: Portal Imprensa, Portal dos Jornalistas e Portal Comunique-se.

Análise de conteúdo da matéria “À espera do assassino”

Além do empenho em estudar como se dá o processo de criação de uma grande reportagem, há aqui o interesse pelo tipo de atuação desenvolvida pela repórter Eliane Brum, a ser analisada. Ela busca um jornalismo que se diferencia da prática comum pela narrativa de cada repórter, seja pela presença de metáforas, da linguagem literária, pela forma poética que aproxima o leitor da realidade dos personagens e da matéria ou de outras características que tornam o texto mais envolvente. Assim, na reportagem escolhida, Eliane preocupa-se em mostrar a realidade de pessoas há muito tempo esquecidas e desconhecidas pelo poder público e, até mesmo, pelo próprio país.

Para entender como se dá uma grande reportagem, desde a ideia da pauta até a sua publicação, vamos analisar todo o processo desenvolvido pela escritora na produção da matéria especial “À espera do assassino”.

À espera do assassino é uma reportagem especial feita pela jornalista Eliane Brum em parceria com Solange Azevedo e o fotógrafo Maurilo Clareto, publicada na revista *Época*, em 28 de novembro de 2005. Um ano depois, a matéria vence o *Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*. A jornalista viaja até o Pará para mostrar como vivem os brasileiros ameaçados de morte na fronteira paraense, onde “o futuro da Amazônia é decidido à bala”, como destaca Eliane. Tivemos acesso na íntegra a todas as reportagens

⁶ O Volt é uma agência independente de jornalismo que busca realizar projetos de interesse social baseados em dados e explorar novos formatos de publicações digitais e interativas. Disponível em: <https://medium.com/volt-data-lab/a-conta-dos-passaralhos-953e7e254d4a>. Acesso: 10/07/2015.

através do site do *Prêmio Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos*, que tem disponível todas as matérias premiadas desde 1979 até 2012, separadas por ano e por tema.

O encantamento da repórter pela Amazônia fez com que ela viajasse diversas vezes para a região na intenção de contar as histórias daquele povo. Foi dessa relação de afinidade que várias pautas surgiram, inclusive a que está sendo analisada.

Essa Amazônia sempre foi um lugar, uma geografia humana, de várias maneiras, muito importante para mim. E essa matéria “À espera do assassino” surgiu a partir de um relatório dos ameaçados de morte, que eram de três organizações - Justiça Global, Terra de Direitos e Comissão Pastoral da Terra. O relatório ia ser lançado. Então, eu acertei com eles de dar o relatório, mas eu queria escolher um lugar que fosse representativo dessa realidade que nós estamos contando para ir além dessas estatísticas, para ir ao alcance das pessoas, que fosse representativo dessa realidade e acompanhar um pouco alguém que estava ameaçado de morte. Quando a gente fala em ameaçado de morte, as palavras são um pouco assim e o nosso desafio na reportagem é ampliar a largura das palavras. Quando a gente diz ameaçado de morte, a gente não dá a ideia do que é ser ameaçado de morte. Ser ameaçado de morte é uma coisa que nem eu, nem vocês conseguem imaginar, mesmo tendo sofrido uma ameaça ou outra é muito mais complicado viver cotidianamente sabendo que tu podes morrer a qualquer momento. (BRUM, Eliane. Entrevista, junho 2013).

As matérias começam humanizadas, com a história de um personagem principal, nesse caso a de Maria de Fátima da Silva Nunes, a Santa.

Santa vive na mira de pistoleiros paraenses depois de ter investigado sozinha e conseguido levar para cadeia os assassinos de seu irmão, Brasília, morto por grileiros. Santa já não mora mais em Castelo de Sonhos, sua moradia atual é desconhecida, até mesmo pela jornalista para a segurança das duas. Ela voltou ao local junto com a repórter para contar tudo sobre os anos em que viveu ali. De acordo com Eliane, ela foi a peça chave para o andamento da matéria. Com este estilo, acredita-se que o leitor aproxima-se da vida de outra pessoa, e o jornalismo propicia a ele um exercício que vai além da visão. Assim, o leitor aprende a olhar uma realidade diferente da sua por meio de uma personagem e não apenas da estatística. Eliane Brum conta como foi o encontro com a fonte central de sua reportagem:

[...] eu combinei de encontrar com a Santa em Castelo de Sonhos. Foi assim que eu fui. Nessa ideia de que a gente precisa atacar as estatísticas, precisamos alargar o mundo das palavras. E a gente precisa dizer o que é ser ameaçado de morte, e a gente precisa contar toda a complexidade que pertence a esse universo. Um universo como o de Castelo de Sonhos, um povoado que pertence ao município de Altamira que ficava com todas essas coisas, às vezes surreais”. (BRUM, Eliane. Entrevista, junho 2013).

Apesar de não gostar de rótulos sobre o gênero de jornalismo que faz, Eliane Brum tem sua maneira ímpar de escrever. Expressa em cada linha um estilo próprio, que legitima a coesão entre literatura e jornalismo e comprova que ambos podem formar uma parceria perfeita.

[...] o cemitério resume a geopolítica da região, na divisão desigual entre vítimas e pistoleiros. Não há mandante sepultado. Mortes naturais são uma raridade. Passar dos 50 anos é hora extra. Em Castelo de Sonhos, assiste-se em tempo presente à repetição brutal da colonização do Brasil, retrato de um país que vive vários tempos históricos simultâneos. Os brasileiros que acompanham o faroeste como folclore de um mundo distante equivocam-se. É o destino da Amazônia que se decide do modo mais arcaico no Pará: a tiros. (Trecho retirado da reportagem “A espera do assassino”).

Eliane viveu por um mês no Pará. No local teve suas percepções do conflito que se estabelecia naquela terra, o que intrigava a jornalista e fazia crescer seu interesse pelo desconhecido. Em seu texto, deixa claro suas conclusões ao criar os títulos para cada tema abordado. A “lista macabra” é um exemplo, e foi cedida à repórter pelas *ONGs Justiça Global, Terra de Direitos e Comissão Pastoral da Terra*, que lutam pela punição dos mandantes de crimes e assassinos do Pará, as mesmas que fizeram a jornalista ter interesse pela pauta. O relatório *Violação dos Direitos Humanos na Amazônia* revela 51 nomes de pessoas de uma mesma região ameaçados de morte, normalmente ativistas como a freira Dorothy Stang.

As dificuldades no trabalho de apuração *in loco* da repórter ficam evidentes no início da matéria. Encontrar os personagens, que na sua maioria estão fugindo de matadores, e conseguir com que eles falassem abertamente sobre suas histórias, medos e angústias pode ser classificado aqui como o obstáculo principal durante a checagem.

Alguns dos nomeados da lista deram entrevista mostrando o rosto e falando abertamente sobre a situação vivida na região, muitos deles se lembram dos ativistas assassinados e, assim como Santa, aguardam seu fim trágico no cemitério de Castelo.

Para revelar os percalços pelos quais a repórter Eliane Brum passou para fazer esta reportagem, criamos categorias que vão revelar as dificuldades de antes, durante e depois da divulgação. Para facilitar a análise, propomos as seguintes categorias: Estruturais, Comprovação de Denúncias, Dificuldade com as Fontes, Ética e Risco de Morte.

- **Na redação:** Apesar de divulgar suas matérias especiais na *Época*, Eliane Brum trabalha de forma independente, mesmo tendo um compromisso com a revista de publicar

semanalmente uma coluna de opinião - a mais acessada e lida na revista. Desta maneira, a jornalista não enfrenta a necessidade de lidar com prazos, o que facilita a apuração da jornalista que pode ser mais aprofundada e *in loco*. Dessa forma, ela não passa pelos desafios do jornalismo diário, enfrentados dentro das grandes e pequenas redações: o *deadline* e a guerra pelo factual. O depoimento de Eliane só confirma o que é citado por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari sobre a luta contra o tempo, que acaba por diferenciar a notícia cotidiana da reportagem.

Segundo a própria repórter afirmou, suas ideias de pautas normalmente são aceitas pela revista, que avalia como serão as condições de trabalho no local e recursos financeiros. Eliane participa de reuniões que envolvem essas discussões. Sua equipe é composta por um fotógrafo, editor geral e um diagramador. Todo trabalho é fiscalizado de perto por Eliane, que reforça que o resultado final não depende apenas do texto, mas das fotografias que acompanham a reportagem e também da maneira como a matéria é diagramada na página. A própria Eliane afirma, em entrevista para este artigo, que é a última a sair da redação em dia de fechamento e ressalta que lê “no mínimo umas dez vezes” a matéria depois de escrevê-la.

- **Recursos Estruturais:** “Reportagem na Amazônia é sempre muito caro. Então, para encurtar o custo e fazer essa viagem, a gente fez uma parte muito grande de carro”. Antes de colocar em prática a pauta, são feitos orçamentos de gastos e, conseqüentemente, o corte dos mesmos. Não foi diferente com Eliane, como ela mesma ressalta. A cada ideia proposta, a repórter tinha que sentar com seu editor e pensar uma forma de não gastar mais do que o previsto. A própria jornalista nos relatou as dificuldades estruturais de locomoção dentro de território amazônico. Foram usados dois aviões, sendo um deles próprio para decolagem naquele tipo de local. Depois os repórteres se aventuraram por estradas de chão em um carro alugado. Não tinha conforto e nem era a intenção de Eliane. O que ela precisava era se aproximar de quem morava ali, se aproximar de uma forma mais pessoal, com o máximo de simplicidade e verdade ao tratar suas fontes.

A falta de recursos ou a escassez deles é dificuldade recorrente dos jornalistas em geral, isso se aplica também em grandes redações. Apesar de não ter o tempo como fator determinante, a jornalista teve que se programar e estipular um tempo para si, dados os limites de custeamento por parte da empresa.

As noites eram mais escuras em Castelo de Sonhos (PA). Como no lugar não havia luz elétrica, a apuração das entrevistas era mais difícil e lenta. As casas simples eram o

abrigo da repórter, que escolheu viver ali durante o mês de apuração. Os dias quentes e chuvosos também foram obstáculos enfrentados.

Nós íamos passar um período muito grande, praticamente o dia inteiro andando numa estrada muito difícil, com muitos buracos, difícil de caminhar, de andar e por isso, tinha que ir muito devagar. E era uma estrada que só tinha mato dos dois lados, então, se a gente corresse algum risco ao longo dessa matéria, essa volta em que passaríamos um dia na estrada praticamente sozinhos ela seria um risco. Mas a gente aceitou esse risco, a gente topou isso para fazer a matéria, e aí não teve problema nenhum. (BRUM, Eliane. Entrevista, junho 2013).

Passar por esses desafios atrás da grande reportagem só engrandece o trabalho da repórter que optou por viver a história antes de contá-la.

- Risco de morte: As denúncias feitas por Eliane não tinham sido feitas por nenhum outro repórter. A equipe reduzida no local, composta por ela e um fotógrafo, ficava à mercê de ameaças. Acusações graves foram feitas pela repórter. Divulgações de nomes fazem parte da matéria, assim como acusações direcionadas ao próprio Estado.

Foram semanas se adaptando e entrando no terreno desconhecido dos habitantes de Castelo. Os riscos corridos no local também são evidentes e mostrados pela jornalista, quando ela entrevista outro personagem-chave da matéria e coloca no texto uma fala que demonstra o perigo que corria ali. Leo Reck, o fundador de Castelo de Sonhos que vive no local desde a época do garimpo, deu o nome a Castelo por ouvir muito uma música em que a letra citava o nome que hoje leva a cidade. Na era do ouro, o lugar foi cenário de uma guerra entre Léo e Márcio, mais conhecido como Rambo do Pará, que dominou a região à bala no final dos anos 1980, morto a tiros alguns anos depois pela Polícia Militar. Foi então que cerca de 30 milhões de hectares de uma terra pública começavam a ser griladas por uma máfia de garimpeiros, deixando para trás mais de 300 cadáveres. Quando é entrevistado por Eliane, Leo Reck faz questão de deixar claro sua aversão a jornalistas.

“Depois de explicar que, nos velhos tempos, jornalistas viravam comida de urubu ou eram atirados de aviões com as mãos amarradas, Leo Reck irrita-se com o gravador. “Desliga essa porra!” (Trecho retirado da matéria “À espera do assassino”)

“Castelo de Sonhos foi o lugar mais tenso que eu já fui. Era um lugar em que a tensão era muito palpável. Era um lugar que, por exemplo, à noite, depois que tudo acaba, em geral, a gente gosta de tomar uma, ir para o boteco, armazém e tomar uma cerveja e relaxar. E lá, a gente não saía de noite, para se proteger de um eventual risco. Quando eu entrevistei o Leo Reck, que era um dos fundadores de Castelo de Sonhos, que foi um dos protagonistas de uma briga com o “Rambo”, ele falou “antigamente

jornalistas viravam comida de urubu ou eram atirados de aviões com as mãos amarradas...”, então era um lugar tenso, quando o sol baixava, a gente ia para o hotel.” (BRUM, Eliane. Entrevista, junho 2013).

Os riscos que os jornalistas correm em matérias desse nível são indiscutíveis. O cuidado com a maneira de abordar essas pessoas que podem causar dano à integridade física do profissional é imprescindível. “Eu tenho muito cuidado, e essa é uma parte importante para mim. Eu tenho muito cuidado com essa questão do jornalista correndo risco. A nossa profissão é de risco, mas eu não gosto de valorizar isso.” (BRUM, Eliane. Entrevista, junho 2013).

-Relacionamento com as Fontes: As fontes são fundamentais para embasar a matéria de qualquer repórter. O jornalista Percival de Souza (apud Sequeira, 2005) acredita que há uma forma equivocada de alguns autores tratarem o relacionamento repórter *versus* fonte. Para ele, não existe esse distanciamento. O jornalista nunca pode se colocar num lugar acima da sua fonte.

Para Eliane Brum, esta é a maior preciosidade na apuração de uma grande reportagem. Foi uma fonte, a principal desta matéria, que fez a jornalista descobrir o universo que existia em Castelo de Sonhos. Santa permaneceu ao lado de Eliane durante os 30 dias de apuração, mesmo correndo riscos. Foi uma opção da personagem apresentar as pessoas do local e relembrar sua própria história. Quando questionamos à repórter sobre sua apuração, ela afirmou que foi descobrindo as pessoas e fazendo contato com elas. Batendo na porta de cada uma, se apresentando e mostrando a que veio. Como foi o caso da família Branger. Dentro da casa deles, Eliane conseguiu que os pais do jovem Emerson Branger, assassinado aos 24 anos, torturado até a morte, contassem a história em detalhes, com nomes de suspeitos e acusações à Polícia. Nesse caso, eles também tinham a opção de esconder o rosto e não terem os nomes divulgados, mas, assim como Santa, eles acharam que ficariam mais seguros mostrando quem eles eram.

O respeito pela fonte também é uma característica abrangente de Eliane Brum. Em entrevista, a repórter relatou sua preocupação com tudo que é dito nos encontros com as fontes. “Tenho muito cuidado ao decupar as falas dos meus entrevistados, sou fiel ao que eles dizem, não altero nem uma vírgula”. (BRUM, em entrevista para este artigo, julho de 2013).

Os riscos corridos pelas fontes também preocupam a repórter. As fontes têm que ser tratadas pelos jornalistas como pessoas que não têm a opção de correr riscos ou não, elas correm involuntariamente.

Os riscos que a gente corria, apesar de serem reais, concretos, eram mínimos diante do risco que todas aquelas pessoas estavam correndo ao nos dar entrevista [...] Esse era um risco muito maior, e elas continuariam ali, a gente não, a gente vai embora então isso nunca pode ser esquecido. (BRUM, Eliane. Entrevista, junho 2013).

- **Ética:** A questão ética sempre deve ser levada em conta em matérias de cunho investigativo de grande aprofundamento. No momento da divulgação de conteúdos obtidos através das fontes, surge um embate do jornalista com ele mesmo sobre divulgar ou não uma informação. Para Lage (2002), a ética não pode ser generalizada em seus preceitos e nem ser seguida como um mandamento já que, o jornalista tem direitos de escolha, como por exemplo, o de ocultar a sua fonte.

Para Eliane Brum, o jornalista não tem direito de desrespeitar a sua fonte, principalmente se ela não tiver conhecimento do que uma reportagem divulgada com o seu nome pode ser capaz de causar. Segundo a jornalista, são as próprias pessoas que têm seus nomes divulgados que têm que decidir se o que foi falado pode ser divulgado ou não, mas ela abre um parêntese e ressalta que pessoas públicas têm o conhecimento do que é a imprensa, porque estão acostumadas a lidar com os profissionais no dia a dia e, esses sim, sabem o risco que estão correndo quando fazem alguma coisa. “A minha obrigação é antes de qualquer coisa explicar para elas como funciona e o que pode acontecer a elas e então elas decidem.” (BRUM, em entrevista para este artigo em Julho de 2013)

Em algumas matérias, como exemplifica a repórter, a fonte autorizou a divulgação do nome, mas ela decidiu e desrespeitou a vontade da fonte, como ela mesma coloca, e não divulgou nome da personagem, por entender que aquela matéria traria à pessoa entrevistada consequências negativas que não tinham sido percebidas pela própria fonte.

Foi o que aconteceu com uma matéria sobre as mães dos meninos do tráfico, uma delas disse “pode colocar”, e eu sabia que ela corria riscos porque ela não sabia avaliar, achava que o marido dela não ia ler a matéria, que as pessoas ao redor não liam a revista, mas eu sabia que essas coisas acabavam chegando. Então, eu tomei a decisão de não colocar o nome dela. (BRUM, Eliane. Entrevista, junho 2013).

Eliane Brum tem um jeito peculiar de escrever, e esse jeito transcende as laudas dos jornais e revistas; é uma maneira de olhar, de se relacionar e de perceber o mundo e principalmente o outro. Para a jornalista, não há rótulos para sua reportagem. No entanto, o seu objetivo é que a matéria seja “a palavra que age. Eu escolhi contar a história dos anônimos”, finaliza Eliane Brum.

Considerações finais

O papel do jornalista vai além da função de levar informação e formar opinião. Ele tem como uma de suas metas, o desejo de transformar a vida das pessoas. O que não nos falta são exemplos de bons profissionais comprometidos com o trabalho, que acreditam no que fazem. É a indignação que move o jornalista, que se recusa a ver tudo e a não fazer nada diante de uma realidade, por exemplo, em que as pessoas são exploradas. Ele atua como um agente social e transformador que está presente em todas as etapas de uma produção jornalística. É por meio dela que ele poderá tornar a realidade diferente.

Talvez, o futuro das grandes reportagens possa ser trabalhado pelo repórter independente assim como é praticado por Eliane Brum. Isto implica em uma forma de se dedicar exclusivamente a cobertura de pautas especiais, sem ter que precisar correr atrás das pautas diárias. Assim, com tempo disponível e focado em uma única matéria, o jornalista poderá se dedicar única e exclusivamente a reportagens de cunho maior, que necessitam de um tempo mais amplo de apuração e checagem das informações. Investir nesse tipo de profissional permite dar às pessoas matérias de conteúdo, mais bem elaboradas que propiciem a discussão de assuntos, por exemplo, pouco abordados.

O que se percebe diante de tudo que foi proposto aqui é que independente do meio seja ele impresso, audiovisual ou na web, sempre haverá espaço para o bom jornalismo de textos grandes ou pequenos. Refere-se a este tipo de jornalismo, um trabalho minucioso, que busca aprofundamento dos fatos, checagem das informações e pluralidade de fontes. Este artigo não tem a pretensão de chegar a uma conclusão sobre se o impresso irá desaparecer com a expansão da plataforma digital, ou qual será o futuro das grandes reportagens. Queremos propor uma reflexão sobre o tema, a partir de um debate a cerca da ideia de que o jornalismo de qualidade terá sempre destaque em meio à produção da informação mercadológica.

Para fechar esta discussão, voltamos à pergunta inicial: Em tempos em que a notícia assume seu papel cada vez mais como um produto mercadológico, seria uma utopia pensar na produção de grandes reportagens?

Acreditamos que barreiras sempre existirão sejam elas físicas, financeiras, estruturais e etc, caberá ao jornalista brigar por espaço. A reportagem tem por objetivo provocar a opinião pública, transformar a realidade e a vida dos agentes que dela participam. O jornalismo é movido por quem tem paixão e não se deixa desanimar.

No trabalho analisado entendemos que a meta foi dar voz a quem não tinha voz, aproximar os mundos, revelar realidades tão distintas, e, diante de tais circunstâncias, provocar mudanças.

Muito mais que isso, a reportagem quer repercutir, causar inquietação. Como diz a jornalista Eliane Brum, a reportagem deve “ser a palavra que age”. Por isso, mais que uma análise para ser consultada, este artigo serve também para inspirar futuros jornalistas a se aventurarem pelo universo das reportagens. Que eles não tenham medo, e sim coragem para ir a diante e, por meio da comunicação, conseguir mudar a realidade de uma pessoa, um povo, uma nação.

Em um cenário em que se fala do fim da profissão com casos recentes de desvalorização do profissional, precarização das condições de trabalho, encontramos pessoas que sempre acreditaram e acreditam até hoje na força do jornalismo. Esse trabalho foi, na verdade, uma aula de bom jornalismo, que mostra que mesmo diante das barreiras, ainda é possível produzir grandes reportagens, independentemente do meio a ser utilizado.

REFERÊNCIAS

BRUM, Eliane. Entrevista realizada em 18 de julho de 2013 na Cidade de São Paulo.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo** - O que os jornalistas devem saber o público exigir. 2. Ed. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LAGE, Nilson. **Estrutura da notícia**. 6 Ed. São Paulo: Ática, 2012.

_____. **Reportagem** : teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. 9 Ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MEDINA, Cremilda. **Notícia: um produto à venda** - Jornalismo na sociedade urbana e industrial. São Paulo: Summus, 1998.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **A apuração da notícia**: métodos de investigação na imprensa. 4 Ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo Investigativo** – O fato por trás da notícia. São Paulo: Summus, 2005.

SILVA, Cíntia Charlene; BALTAZAR, Glória Maria de Oliveira. **Os desafios da Grande Reportagem**. Intercom. Foz do Iguaçu, 2014.

SILVA, Cíntia Charlene; BALTAZAR, Glória Maria de Oliveira. **A Grande Reportagem: Os desafios enfrentados pelos profissionais desde a ideia da pauta até a divulgação da matéria.** Monografia de Conclusão de Curso, UFJF. Agosto, 2014.

SODRÉ, Muniz e Ferrari, Maria Helena. **Técnica de reportagem** – Notas sobre a Narrativa Jornalística. 7 Ed. São Paulo: Summus, 1986.

Sites acessados

BRUM, Eliane. **“À espera do assassino. Como vivem os brasileiros ameaçados de morte na fronteira paraense, onde o futuro da Amazônia é decidido à bala.** 2005. Disponível em http://www.premiovladimirherzog.org.br/arquivo/36%20-%20a%20espera%20do%20assassino2_2009_4_8_18_31_51.pdf. Acesso em: 13 de jul de 2015.

VOLT, Data lab. A conta dos passaralhos. Disponível em: <https://medium.com/volt-data-lab/a-conta-dos-passaralhos-953e7e254d4a>. Acesso em: 16 de jul de 2015.
